

---

## Qualitative Methodologies and Criticality in Social Sciences: Interdisciplinary Challenge for Environmental Perception and Analysis

### Metodologias Qualitativas e Criticidade em Ciências Sociais: Desafio interdisciplinar para a percepção e análise ambiental

Received: 2023-00-00 | Accepted: 2023-00-00 | Published: 2023-00-00

---

#### Helena Mendonça Faria

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3424-1649>

Universidade Federal de Itajubá, Brasil

E-mail: [Helena.unifei@gmail.com](mailto:Helena.unifei@gmail.com)

#### Izabel Mendonça Faria

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9823-6251>

Escola Estadual Manuel Bento da Cruz/ Unifesp, Brasil

E-mail: [iza.7.v@gmail.com](mailto:iza.7.v@gmail.com)

---

#### ABSTRACT

Qualitative methodologies represent an important component for environmental analyses. As the idea of scientific neutrality is a consensual impossibility in the Social Sciences debate, qualitative methodologies contribute with the necessary criticality to make possible an approach to reality capable of bringing out the complexity of relationships between communities and the environment. In this perspective, some applications are presented that use thematic interviews, in line with the Theory of Social Representation. In addition, applications arising from another branch of understanding of man-nature relations, that of environmental perception, are presented. In all reported applications - some empirical research and others from bibliographical research through consultation with other authors - the qualitative methodologies are extremely revealing of important aspects for environmental analysis. In this sense, such methodologies contribute to the interdisciplinary apprehension inherent in the field of environmental studies.

**Keywords:** Qualitative methodologies 1; Social Representation Theory, 2; environmental perception, 3.

---

#### RESUMO

As metodologias qualitativas representam um componente importante para as análises ambientais. Como a ideia de neutralidade científica é uma impossibilidade consensual no debate das Ciências Sociais, as metodologias qualitativas contribuem com a criticidade necessária para que seja possível uma abordagem da realidade capaz de trazer a complexidade das relações das comunidades com o ambiente. Nesta perspectiva são apresentadas algumas aplicações que utilizam entrevistas temáticas, em consonância com a Teoria da Representação Social. Além disso são apresentadas aplicações advindas de um outro ramo de entendimento das relações homem-natureza, o da percepção ambiental. Em todas as aplicações relatadas - algumas pesquisas empíricas e outras provenientes de pesquisa bibliográfica por meio de consulta a outros autores- as metodologias qualitativas se mostram extremamente reveladoras de aspectos importantes para a análise ambiental. Nesse sentido tais metodologias contribuem para a apreensão interdisciplinar inerente ao campo dos estudos do ambiente.

**Palavras-chave:** metodologias qualitativas, representações sociais, percepção ambiental

---

## INTRODUÇÃO

A ideia de ressaltar o efeito objetivo do uso das metodologias qualitativas inseridas na compreensão da Teoria das Representações Sociais surgiu de um trabalho de consultoria das autoras realizado entre 2014 e 2015 (Faria e Faria, 2016). Nessa ocasião acrescentou-se às técnicas mais usuais de coleta de dados para configuração de um estudo socioeconômico, a técnica da entrevista temática que se fundamenta na metodologia do uso das representações sociais e da história oral. A partir dessa inferência metodológica, recolhendo depoimentos sobre o problema que se quer estudar, solucionar ou amenizar vão se configurando afirmações úteis. O resultado da aplicação da técnica da entrevista temática foi reconhecido por todos os membros da equipe multidisciplinar como muito eficiente e como capaz de potencializar a aplicação precisa de ações que vieram a amenizar os impactos ambientais do projeto que seria implantado, especialmente com a possibilidade de indicar onde as ações ocorreriam, tratando-se dessa forma de uma aplicação espacializada da metodologia. Esse fato levou a uma reflexão sobre a efetividade do uso das metodologias qualitativas e também sobre o exercício da criticidade em Ciências Sociais. Revisitando a utilização da metodologia da entrevista temática, em sintonia com a abordagem das Representações Sociais e da História Oral, em outros trabalhos das autoras e também de outros autores, percebeu-se que há um potencial importante para as análises e aplicações em processos que envolvem a temática ambiental. Nesse sentido a corrente da percepção ambiental se faz também presente como método de análise espacial e ambiental que capta a complexidade da referida temática.

Especialmente em abordagens que pressupõem as análises relativas à questão ambiental, a complexidade do tema requer cuidados relativos às metodologias para sua efetividade. Além da questão da interdisciplinaridade na busca de soluções relativas à qualidade ambiental, presente em projetos, planos ou estudos ambientais, outro desafio se apresenta como muito importante: a conexão com os saberes populares, tradicionais, culturais, em um contexto territorial específico. Essa ampla gama de conhecimento está disponível, mas requer métodos e procedimentos específicos.

A amplitude da questão ambiental sugere que as abordagens interdisciplinares possam obter maior sucesso. Essa empreitada não é um caminho retilíneo. Para Leff (2012) as tentativas do estabelecimento de um saber epistemológico sobre o ambiente, resultam em um caminho exploratório, que passa pelo uso de autores dispares e ultrapassa o campo das ciências, questionando a racionalidade da modernidade. “O ambiente não é a ecologia, mas a complexidade do mundo; é um saber sobre as formas de apropriação do mundo e da natureza, através das relações de poder inscritas nas formas dominantes do conhecimento” (LEFF, 2012, p. 16 e 17). Assim, aqui se propõe uma abordagem que pretende, ainda que modestamente, lançar mão de procedimentos, escolhas teóricas e metodológicas, que possam contribuir para o entendimento da

complexidade ambiental em situações específicas, auxiliando em aplicações práticas e reflexões sobre esta questão.

A racionalidade ambiental é fundamentada em novos princípios teóricos e meios instrumentais e fundamenta-se em valores, tais como a qualidade de vida e as identidades culturais. Nesse processo são revalorizados os conhecimentos dos saberes populares em um encontro de culturas (LEFF, 2012). Nesse sentido, discorrer sobre o uso de metodologias qualitativas e as representações sociais para analisar a problemática ambiental é um ato de encontro entre o conhecimento cultural disponível e as abordagens das ciências sociais e das ciências sociais aplicadas.

## 1- PERCEPÇÃO AMBIENTAL E ANÁLISE DE QUESTÕES REFERENTES À CONSERVAÇÃO AMBIENTAL.

A análise de um determinado problema relacionado à questão ambiental, parte da complexidade e tem como ponto de chegada uma perspectiva que integre conhecimento interdisciplinar e saberes populares. Nesse sentido dois grandes campos metodológicos apresentam papel importante na busca de se entender a perspectiva de quem vivência uma determinada situação de conflito de usos, de motivação para a conservação, ou ainda, de busca da solução de um problema prático relacionado a manutenção dos ecossistemas. Estes dois campos do conhecimento são: a área denominada Percepção ambiental e as abordagens das Representações sociais.

A percepção ambiental é uma grande área de estudos, que se refere às questões que interligam a psicologia, a arquitetura o urbanismo, assim como a geografia. Pode se dizer que há uma síntese desse conhecimento em trabalhos de autores atualmente considerados clássicos como aponta Vicente del Rio (2002):

...Maurice Merleau-Ponty (fenomenologia da percepção); Edward Hall (conceito de territorialidade), Robert Sommer (conceito de espaço pessoal), James Gibson (percepção visual), Kevin Lynch (imagem da cidade e mapas mentais), David Canter Psicologia do lugar, Robert Gutman (comportamento de usuário de edifícios), Chombart de Lause (psicossociologia do espaço urbano), Christian Norberg Shulz (fenomenologia da arquitetura), Amos Rapoport (percepção, cultura e arquitetura) e Yi-fu Tuan (topofilia ou elo afetivo entre o homem e o lugar) (DEL RIO, 2002, p 11).

Para Oliveira (2017) a percepção ambiental apresenta motivações éticas e morais, além das econômicas e ecológicas e passa pela forma como as populações interagem com seu território. Dessa forma a percepção ambiental se aplica ao ambiente selvagem, mas também ao modificado pelo homem, urbano e rural, em sua diversidade. A mesma autora salienta que há uma necessidade de desenvolvimento de metodologias e experiências para os diversos campos de atuação

profissionais envolvidos nessa temática. Destaca que “ Percepção Ambiental não é de fácil definição , mais vale experienciá-la do que defini-la” (OLIVEIRA, 2017, p. 129).

Para Rodrigues Malheiros e Fernandes (2012) a percepção ambiental é entendida primeiramente como originária da psicologia, mas que é desenvolvida na Geografia, na Arquitetura e nas Ciências Ambientais. Reconhecem que existem diferentes abordagens, na utilização de métodos de percepção ambiental, mas salientam que a inclusão de análises da percepção é importante para entender um determinado lugar. Esses autores destacam o trabalho do geógrafo Yi Fu Tuan com o conceito de Topofilia.

Para Vicente Del Rio (1996) a percepção ambiental é um processo mental de interação entre o indivíduo e o meio ambiente, que se dá por princípios perceptivos propriamente ditos, mas também cognitivos. A mente organiza imagens e as representa. Essas imagens e representações podem ter atributos específicos, que incluem, de maneira gradual: sensação; motivação; cognição, avaliação e conduta. A percepção é um processo subjetivo e individual, mas que apresenta recorrências comuns, tanto relativas a imagens de um aspecto do ambiente, quanto relativas às possíveis condutas a respeito desse aspecto. As aplicações de metodologias de percepção ambiental mostram que esta é uma ferramenta importante que pode evitar conflitos entre grupos sociais distintos, em processos de planejamento e gestão ambiental e urbana (DEL RIO, 1999).

Para Dorigo e Lamano-Ferreira (2015) a percepção ambiental pode ser entendida como um processo de construção mental de interação do indivíduo, sociedade e ambiente, que se dá através de mecanismos perceptíveis e, principalmente cognitivos.

Marcomin e Sato (2016) discorrem sobre a percepção ambiental, como fundamentada na fenomenologia. Utilizam autores-referência: Merleau-Ponty; Yi Fu Tuan e Vicente Del Rio e indicam que há diferentes percepções individuais e, também de acordo com a cultura e o local em que se vivencia o mundo.

Como campo de estudo interdisciplinar a percepção ambiental apresenta uma gama extensa de procedimentos metodológicos. Para Del Rio (1996) a aplicação de metodologia com base na percepção ambiental pode ser indireta, por meio de consulta a documentos por exemplo, ou direta, por meio de entrevistas ou outros procedimentos. Como exemplos da pesquisa indireta pode-se citar a pesquisa histórica, em documentos, em arquivos de mídia impressa, tais como jornais, revistas e outros meios, que apontem visões, opiniões sobre determinada questão. Já a pesquisa direta se desdobra no chamado trabalho em campo, com entrevistas, confecção de mapas mentais, desenhos e representações das mais diversas.

A percepção Ambiental como campo do saber interdisciplinar ganha distintas formas de aplicação, podendo identificar-se com correntes de pensamento filosófico também muito diversas, tais como o estruturalismo e a fenomenologia, por exemplo (DEL RIO E OLIVEIRA, 1996). Dessa maneira, pode ser utilizada tanto em pesquisas nas ciências humanas para o entendimento do fenômeno perceptivos, como na geografia, para o entendimento do espaço, sua definição e sua

essência. Por outro lado, pode ser utilizada também para aplicações nas Ciências Ambientais e nas Ciências Sociais Aplicadas, tais como a Arquitetura e o Urbanismo, no Planejamento e na Gestão ambiental, como norteadores de projetos e intervenções, como argumentam Del Rio e Oliveira (1996).

De acordo com Oliveira (2017) cada profissional que se insere no campo da percepção ambiental terá uma abordagem particular, assim como as respostas que obterá serão muito variadas. Contudo salienta que a aplicação de métodos qualitativos para percepção ambiental, tanto em estudos empíricos quanto científicos, será sempre maior do que os quantitativos. Nesta perspectiva, a percepção ambiental apresenta uma riqueza metodológica que permite uma aproximação da complexidade real, assim como os métodos baseados na teoria das Representações Sociais.

## 2- ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.

É pelo exercício da criticidade que se ilumina o debate sobre a objetividade no campo das Ciências Humanas. Essa criticidade ocorre quando se reconhece que qualquer atividade intelectual convive com o fato de que a ciência representa, em inúmeras situações, um ganho para toda a humanidade em conforto, previsibilidade, para evitar ou amenizar problemas, mas que no entanto, tal visão científica, convive com o problema destacado por Novaes a partir de Paul Valery: “É certo que, para Valery, o problema não está na ciência, mas na passagem da ciência-saber à ciência-poder, isto é, sua aplicação prática.” (NOVAES, 2006, p.10). Contextualizando um pouco melhor o status da ciência, Novaes (2006) afirma que na contemporaneidade há uma constante crise de capacidade de compreensão e principalmente de previsibilidade já que a experiência contemporânea não se conecta com o passado:

Já se disse de maneira reiterada, que vivemos hoje uma crise sem precedentes. Política, cultura, valores morais, estética, noções de espaço e tempo, relações entre o público e o privado, paixões, enfim, não há atividade humana que não esteja afetada. Ao contrário da ideia de crise que se centra sempre em uma das áreas em determinados momentos da história (crise conjuntural, como diz a sociologia), a natureza da mutação consiste em afetar todo o conjunto das atividades humanas (estrutural). A grande novidade em relação às crises anteriores é que, desta vez, se torna quase impossível imaginar o futuro. É como se fosse impossível deduzir algo do passado, uma vez que o presente se dá como ‘inteiramente novo’, reconstruído aparentemente sem referências. Abole-se aquilo que o poeta e ensaísta Paul Valéry definiu como as duas maiores invenções da humanidade, o passado e o futuro, em nome de um presente eterno, abrindo espaço para uma nova civilização que não sabemos nomear ainda. Quando tudo aquilo que uma civilização cultivou como ‘virtude’ na ordem do pensamento, do senso comum, dos sentimentos e da política transforma-se em seu contrário, em um ‘mal’, essa civilização não se reconhece mais”. (NOVAES, 2006, p.p11 e12)

Em termos muito gerais as reflexões sobre a criticidade partem da chamada teoria crítica, ou seja, liga-se ao estudo dos Frankfurtianos que destacam a fragilização dos processos reflexivos no cotidiano da modernidade como demonstra Walter Benjamin (1991) ao apontar o potencial

reflexivo presente na figura do narrador, sujeito social que vai perdendo sua expressividade com o avanço da modernidade.

A ideia dessa crise e as características dessa tendência civilizadora é explicitada por Giddens (1991) que a define como desencaixe. Giddens (1993) retoma a sociologia clássica e afirma que Durkheim, Marx e Weber captaram a dinâmica dessa tendência civilizadora constante e desestabilizante. Durkheim entendeu essa dinâmica por meio do movimento contínuo de divisão de trabalho. Marx percebeu a tendência desestabilizadora não apenas pela exploração do trabalho e do ambiente, mas também por conta do fato de que a taxa de lucro tenderia a diminuir forçando uma constante busca de novos mercados. Em Weber há a sugestão de tal crise por meio da sua complexa teoria da ação social, tratando dos traços racionalizadores trazidos pelo espírito do capitalismo, o que Giddens conclui como desencaixe (1991). Assim o desencaixe ou o descolamento entre presente e passado marca a dificuldade de gerar perspectivas claras de futuro estaria presente no domínio da racionalidade nos processos que Giddens chama de fichas simbólicas e que acabam por direcionar a ação social a um automatismo racionalizado em que os meios são valorizados sem que se visualize de forma reflexiva os fins ou consequências dos anseios e buscas. Na abordagem de Berman (1986) essa crise está relacionada à capacidade cotidiana de reflexão e aparece não como desencaixe, mas como fixação no presente. Esse autor aponta a partir de uma ampla reflexão sobre obra de Marx e de Nietzsche que os processos de modernização nos fixam ao presente e que independente de nossa situação de classe, estaríamos presos à busca do ‘sempre novo’ que, nada mais seria que a transformação no presente, de todos os objetos de reflexão em mercadoria.

Nesse terreno desestabilizante é importante destacar o dilema dos intelectuais em direção a uma compreensão pormenorizada, ou em outra direção, a construção de posicionamento político. Chauí (2006) demonstra que o compromisso maior deverá ser com a primeira busca e Geraldine Mublmann (2006) demonstra que não há dilema e sim convergência. Mublmann explica que o materialismo histórico nos traz essa visão complexa quando valoriza a posição de criticidade do intelectual que se coloca como alguém que analisa cotidianamente a realidade social por meio da atividade jornalística ou acadêmica, oferecendo uma visão crítica, visão crítica essa que só se sustenta como amplamente crítica à estrutura social, se enfrenta o dilema das representações de classe no jogo político publicizado do cotidiano. Esclarecendo, seria entender que as informações sobre a realidade social, ou seja, estatísticas e notícias, são material vivo para prática intelectual, mas também para prática social das classes e “não-classes”. Desenvolvendo esse raciocínio, Mublmann enfatiza que a criticidade intelectual não pode se restringir à postura neohegeliana de que a interpretação acadêmica que se realiza sobre as notícias e informações sociais gerará transformações sociais amplas. É preciso se ater a prática ou ao fazer social das próprias classes sociais ou das não classes, ou seja, aquelas que ainda não formularam sua posição, mas que são impulsionadas para a ação prática por meio de sua condição sócio material. Dessa

forma, entende-se nesse artigo que a busca da criticidade se direciona para a busca das representações sociais; que segundo Geraldin Mublmann (2006), faz convergir a compreensão intelectual e o posicionamento político cotidiano. Em última instância, refletindo sobre a ambiguidade entre o trabalho do intelectual e a necessidade de tomada da palavra para que ela dê subsídio a um posicionamento político e, citando o professor Pierre Rosanvallon do Colege de France em artigo na edição de maio de 2006 no jornal *Le Monde Diplomatique*, Novaes (2006) destaca o empenho em direção à compreensão como garantia de criticidade maior do que a necessidade de um posicionamento político:

Conquanto se observa como evidentes os desafios constantes da atividade acadêmica em direção à criticidade, é possível passar a destacar sua potencialização, por meio da aplicação de métodos qualitativos ligados à teoria das representações sociais.

## 2.1. TEORIA E MÉTODO: FIRMANDO A CRITICIDADE

Para realizar esse desafio de compreensão com a devida atenção que se deve dar às práxis (MUBLMANN, 2006), abordando-se a partir de sua complexidade, propõe-se o caminho de captar o fazer social a partir das representações sociais. Moscovici (1994) delinea essa visão quando afirma que captar ou registrar as vivências sociais não significa assumir que as mesmas sejam protótipos dos fenômenos sociais e nem que o pesquisador possa se abster de interpretar e analisar tais vivências. Abster-se, nesse caso, seria entender equivocadamente o método como dado e “O Método, como o dado, não existe de forma autônoma. Ele só existe vinculado à concepção de objeto e da forma de conhecê-lo” (Arruda 2002). Em síntese, para concretizar a compreensão dos fenômenos, só é eficaz a ideia de abordagem teórico-metodológica.

Depoimentos de memória, relatos de História Oral, ou simplesmente relatos ou depoimentos recolhidos a partir da técnica de entrevistas não estruturadas ou, entrevistas temáticas estruturadas, expõem a consciência, a visão, o ponto de vista de quem vivenciou ou vivencia o problema a ser estudado.

As representações Sociais são consciência coletiva como inicialmente pesquisou Durkheim; são visão de mundo, mentalidade ou força social impulsionadora de transformações sociais como podemos observar estudando Weber; são dialéticas entre o contexto de classe vivido e expresso pela fala como aponta Marx (MINAYO, 2002). Em síntese, toda essa complexidade está contida na fala cotidiana que, como salienta Pierre Bourdieu é uma arena por meio da qual pode ser observada a dialética apontada por Marx (BORDIEUS, 1986 apud MINAYO, 2002). Aqui vale ressaltar que essa arena que expõe a dialética pode ser captada por técnica simples e amplamente empregada nas Ciências Sociais como a entrevista:

A entrevista supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador; o tema ou o acontecimento sobre que versa foi escolhido por este último por convir ao seu trabalho. O pesquisador dirige, pois, a entrevista; esta pode seguir um roteiro, previamente estabelecido, ou operar aparentemente sem roteiro, porém, na verdade, se desenrolando conforme uma sistematização



de assuntos que o pesquisador como que decorou. (...)Ela ora fornecem dados originais, ora complementam dados já obtidos de outras fontes. Na verdade, a entrevista está presente em todas as formas de coleta dos relatos orais, pois estes implicam sempre um colóquio entre pesquisador e narrador. (QUEIROZ, M. I. P. 1991, p.6)

Em síntese, tomando como pressuposto a ideia de que o problema ambiental é algo bastante objetivado e, exatamente por isso, pode ser percebido de formas diferentes pelo pesquisador e pelo pesquisado, dar voz ao pesquisado e entender sua voz como uma representação sobre o problema ambiental estudado é que pode conter uma visão específica sobre o problema ou idealizações de soluções meticulosamente apropriada ao mesmo.

Ademais, essa abordagem entende que a realidade social é sempre processual e pode ser visualizada por meio de representações sociais que conquistaram poderes sobre a formulação do sistema simbólico e da linguagem. Representações sociais fortemente objetivadas podem também ser visualizada no movimento constante de reformulação daquilo que está objetivado, que consiste na exteriorização das subjetividades ou na formulação de diversas representações sociais que interiorizam ou questionam as representações objetivadas. A mesma abordagem está presente no entendimento de que a realidade é processual e construída socialmente (BERGERMAN e LUKMANN, 1973). Nesse fluxo constante de construção e reconstrução destacam-se três momentos que fundamentam o que foi afirmado acima:

i- Exteriorização das subjetividades a partir das interações entre os indivíduos e destes com o meio ambiente.

ii- Objetivação destas exteriorizações sob a forma de construção de significados e do sistema simbólico e, sobre a forma da institucionalização de valores e da institucionalização de competências institucionalizadoras e legitimadoras desses valores e significados sobre o meio ambiente.

iii- Interiorização de tudo o que está institucionalizado e principalmente do sistema simbólico.

Para Berger e Luckman (1973), a realidade social é objetiva e subjetiva, e, deve ser entendida como um movimento dialético em curso que compreende a simultaneidade dos movimentos de exteriorização das subjetividades, a objetivação como produto da exteriorização das subjetividades e interiorização do que está objetivado. Essa definição da realidade social indica o fato que o estudo das representações sociais é primordial dentro das ciências sociais visto que pode revelar a dinâmica da construção social da realidade.

Vale sublinhar que essa ampla e dinâmica visão da realidade social está na origem da proposta de uma metodologia nova que capte a realidade sem tentar encaixá-la em dualismos ou maniqueísmos. Ivana Markova (2017) nos mostra como na origem da teoria das representações sociais está um esforço de Moscovici de escapar do distanciamento da Ciência e do Senso comum engessado na ideia de que a Ciência é sempre um conhecimento superior. Assim Moscovici parte



do pressuposto de que o que pode existir entre o pensamento científico e o pensamento cotidiano deva configurar-se como tensão ou simples heterogeneidade por ter se deparado com a cibernética de *Weiner*, com os fundamentos da *Gestalt*, conhecido a escalas de *Guttman* e as apresentado a *Levis-Strauss* e ter encaminhado seu pensamento a partir das reflexões de *Merleau Ponty*, que pressupõem a ideia de sistemas e estruturas (MARKOVA, 2017). Enfim, estudando a trajetória intelectual de *Moscovici*, *Markova* (2017), detalha o enfrentamento desse pensador com as teorias que davam sustentação a uma metodologia fixada em questionários e obtenção de variáveis que produziam esse engessamento: “*Moscovici* não tinha a intensão de validar a psicanálise como boa ou ruim. Em vez disso ele tentou capturar representações sociais que são fenômenos sociais dinâmicos e heterogêneos” (MARKOVA, 2017, p.364). Dessa maneira, *Markova* (2017) destaca que *Moscovici* eleva a questão metodológica referente ao uso das representações sociais a uma teoria científica social.

Essa caracterização do uso de representações sociais impulsionam um retorno às reflexões de *Bourdieu* (1998), que, enfatiza a necessidade de se escapar da armadilha do objeto pré-construído e, com isso, acaba por apontar um caminho metodológico que vai do uno que seria o “dado” da pesquisa, ao múltiplo, ou seja, do sistema simbólico cotidiano às múltiplas representações sociais. Essa ideia de caminhar do uno em direção ao múltiplo é de *Morin* (1996) que diferencia complexidade de complicabilidade, dizendo que a primeira é uma noção qualitativa que se pretende instrumental no campo da ciência e da filosófica e a segunda seriam uma noção quantitativa que se definiu no mesmo campo, como sendo um conjunto muito grande de interações ocorrendo ao mesmo tempo o que dificultaria a apreensão e compreensão. Assim, na perspectiva de *Morin*, é preciso que se realizem análises dialógicas ou rotativas seguindo o modelo de uma espiral:

“...Acabamos de ver que qualquer teoria cognitiva, inclusive científica, é coproduzida pelo espírito humano e por uma realidade sociocultural. Não chega. É necessário ainda considerar os sistemas de ideias como realidades de um tipo particular, dotados de uma certa autonomia objetiva em relação aos espíritos que as alimentam e delas se alimentam.” (...) “Precisamos ir ainda mais longe. Marx considerou ter colocado a dialética sobre os pés, subordinando o papel das ideias. Mas a dialética não tem cabeça nem pés, é rotativa. (MONRIN, E 1996, p.28)

Em *Marx* estaria esboçado a ideia das análise dialógicas proposta por *Morin* (1996), mas também a ideia de se colocar diante do campo de forças escapando das armadilhas do objeto pré construído trabalhado por *Bourdieu* (1998) porque há um claro alerta de que se deve evitar o equívoco de entender que a forma construída e imediatamente compreendida pelo pensamento como síntese explicaria a si mesma:

A população é uma abstração, se desprezarmos, por exemplo, as classes que a compõem. Por seu lado, estas classes, são uma palavra vazia de sentido se ignorarmos os elementos em que repousam, por exemplo: o trabalho assalariado, o capital, etc. Estes supõem a troca, a divisão do trabalho, os preços, etc. O capital, por exemplo, sem o trabalho assalariado, sem o valor, sem o dinheiro, sem o preço, etc., não é nada. Assim se começássemos pela população teríamos uma representação caótica do todo, e através

de uma determinação mais precisa, através de uma análise, chegaríamos a conceitos cada vez mais simples: do concreto idealizado passaríamos a abstrações cada vez mais tênues até atingirmos determinações as mais simples. Chegados a esse ponto, teríamos que voltar a fazer a viagem de modo inverso, até dar de novo com a população, mas desta vez não com uma representação caótica de um todo, porém com uma rica totalidade de determinações e relações diversas (MARX, K. 1969, p.16)

Em outro trecho da Introdução à Crítica da Economia política (MARX, 1969), já havia o apontamento da necessidade de entender que, ao verificar que as formas sociais que observamos de imediato foram construídas historicamente, e, sendo assim, essas formas seriam, além das condições materiais objetivadas, as representações sociais a respeito da mesma realidade material construída:

“O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida. (MARX, K. 1969, p.16 e17)”.

Em síntese, faz-se análise dialógica e evita-se a armadilha do objeto pré-construído quando se dedica a encontrar além das noções abstratas ou explicações sobre a realidade social construída, as múltiplas determinações, ou seja, o conjunto dialético de múltiplas representações sociais:

O pensamento complexo, inclusive na obra de Morin (2000<sup>a</sup> e 2000b) mostra que devemos pensar a complexidade por meio do princípio dialógico e que ela aspira a um saber não segmentado e não reducionista, reconhecendo que todo o pensamento é incompleto e inacabado (KNECHTEL, 2014).

Vale esclarecer que para aprofundar o entendimento da teoria da complexidade é necessário recorrer a Lukacs (1970) que destaca uma grande questão epistemológica dentro da Filosofia que seria a visualização das relações entre universal, singular e particular. A discussão desta questão lança luz sobre a possibilidade de visualizar como a realidade social se comporta ou se constrói. Enfim a dialética entre universalidade, particularidade e singularidade implica como resultado um novo processo que se realiza incessantemente (FARIA, 2002). Essa dialética se realiza nas relações entre o universal e o particular. Ou seja, a particularidade é o que potencialmente pode se tornar amplamente objetiva transformando-se em universal. Essa particularidade vem da formulação conjunta de singularidades ímpares (LUKACS, 1970).

Essa reflexão filosófica é útil às ciências Sociais na medida em que revela a existência de uma dialética entre a especificidade ou particularidade \_ de algumas representações sociais – movimento de exteriorização das subjetividades; e a generalidade de representações sociais mais abrangentes ou universalidades, bem como revela a dialética entre as representações individuais ou singulares e as mais abrangentes - o movimento de interiorização do que está objetivado ou daquilo que concorre para objetivação.

Há também uma outra abordagem para se trabalhar com as representações sociais que seria a questão da Memória e da História Oral. Do debate profícuo entre o Memória e História

percebe-se os dilemas das construções do passado; por meio do estudo da memória e da história podem se ligar a uma relação passado e presente ou querer delinear uma relação presente futuro (VILLAS BOAS, 2015), colocando em definitivo a relação entre objetividade e subjetividade. Assim, passando pela importância inequívoca de se coletar a história dos vencidos (PERROT 1988), visitar as histórias subterrâneas que trazem à tona a relação entre memória e construção indenitárias (POLLAK, 1992). Por hora destaca-se que essa discussão apenas reitera a importância da Teoria das Representações Sociais.

### 3-REFLEXÃO SOBRE AS APLICAÇÕES DOS MÉTODOS QUALITATIVOS LIGADOS A UMA ABORDAGEM QUE RECONHECE A COMPLEXIDADE EM ANÁLISES AMBIENTAIS.

Castro (2003) apresenta dois estudos conduzidos em Portugal que revelam a contribuição da Teoria das Representações Sociais para que haja maior integração dos trabalhos sobre meio ambiente. Essa autora afirma que é volumosa a produção de estudos sobre o meio ambiente utilizando metodologias que acabam por quantificar a preocupação com o meio ambiente de forma a produzir dados e escalas de preocupação semelhantes aos dados demográficos. Essa mesma autora aponta que conceitos como os de Crença e Atitude, que nasceram no bojo do desenvolvimento da Psicologia Social, presentes como norteadores em diversos estudos sobre o meio ambiente desde a década de 1970 até fins das décadas de 1990, podem ser resinificados utilizando a Teoria das representações sociais. Por exemplo, em relação ao conceito crenças Castro (2003) destaca que é possível perceber uma tensão entre uma visão que cresceu entre o público desde 1970 até a década de 1990, de que o meio ambiente deverá ser cuidado, pois é regido por um delicado equilíbrio, e outra visões e estruturação social pautadas em radicalizações antropocêntricas. Assim, para essa autora, a TRS, traz que o público enxerga essa tensão. Também revela que o mesmo público não compactua com a ideia de que a visão ambientalista, calcada na preocupação ambiental amplamente assumida - questionários que geram dados quantitativos que confirmam essa preocupação - levariam à hipóteses e suposições de que, em última instância, terá como efeito a substituição da visão antropocêntrica por outra menos oposta ao ambiente, como se suporia a partir de interpretações das chamadas escalas Hep- Nep (*New envyromental Paradgment*).

As autoras Souza e Zioni (2003) revelam que para estudar as relações de populações pobres de dois bairros do município de Mairiporã- SP, utilizaram a metodologia das representações sociais para compor o que denominam de triangulação, ou seja: o primeiro lado do triângulo seria a união de pesquisa com fontes secundárias sobre o local e fatos relativos a urbanização; o segundo lado seria um trabalho de campo que revelou grupos focais a serem pesquisados e, por fim o terceiro lado seriam as representações sociais. Essa triangulação trouxe à tona fatos, práticas e significados sobre o problema estudado. Neste trabalho se afirmou que ao

utilizar a abordagem das Representações Sociais foi possível captar valores e formas de relação homem e meio ambiente, o que gera um conhecimento e até mesmo um diálogo entre as práticas de determinados grupos sociais e as instituições que gerenciam os recursos ambientais. Assim se defende que ao expor esses valores que inspiram e justificam condutas, as representações sociais podem ser utilizadas para o fomento de políticas públicas mais efetivas do que as que têm sido elaboradas com viés punitivo. A defesa desse efeito do uso das representações sociais, tem como base as ideias de Jodelet que enfatiza o duplo sentido das representações sociais vistas como: 1- Estruturas estruturantes que dialogam de diversas formas com o que está estruturado (questionam, complementam, sugerem) e 2- Como simples interpretação da realidade. Souza e Zioni (2003) concluem que com a triangulação revelaram um intrincado jogo de interesses sobre os processos de urbanização da cidade de Mairiporã, e por outro lado, revelaram que nas ideias de melhor gestão dos recursos hídricos e ambientais implantadas no mesmo local se atribui, exclusivamente, a responsabilidade pelo problema ambiental para os moradores mais pobres dos bairros.

Relacionando o uso do conceito Percepção Espacial com o caminho metodológico que coloca como foco as representações sociais Serpa (2005) afirma que a radical separação entre uma geografia de base espacial e uma geografia humanista tem sua raiz no entendimento de que a busca da percepção como metodologia para compreender o espaço não pode excluir a busca pelo entendimento de que a percepção do espaço compõe a própria realidade espacial. Utilizando apenas um dos percursos do raciocínio desse autor, que parte da firme convicção de que se deve abordar a percepção envolvendo também cognição, pode-se afirmar que o caminho seria entender que a realidade não está separada do conjunto de percepção sobre a mesma principalmente quando se toma a perspectiva Lefbvreana que tende a unir percepção e processos de cognição. Esclarecendo, trata-se de entender o espaço como vivenciado tanto do ponto de vista da presença dos seus elementos, o que nos remete à ideia de percepção, quanto do ponto de vista da cognição. Todo esse raciocínio se faz justapondo as cognições conscientes, que são traduzidas, como valorização ou desvalorização do espaço, como as cognições que captam suas contradições e os anseios e visões nostálgicas em relação ao mesmo espaço. Justificando essa conclusão sobre o referido raciocínio de Serpa (2005) esclarece-se que o mesmo autor chega a ele ao lançar luz sobre o pensamento Lefebriano a partir da filosofia de Walter Benjamin, assim é possível afirmar que no contexto moderno e contemporâneo há a oposição entre percepção como consciência ou experiência e memória como vivência, ou seja, há a tendência a se captar o que foi percebido e incorporado a consciência e dificuldades em traduzir o que foi vivenciado que exige o complexo circuito entre o que foi experimentado confrontado como o que já foi experimentado no passado e o que se almeja para o futuro. Enfim, para Serpa (2005) é preciso, no uso das metodologias ligadas à percepção, buscar não apenas uma geografia da percepção, mas uma geografia das representações sociais.

A aplicação de uma abordagem metodológica baseada na Teoria das Representações Sociais, para o Estudo de Impacto Ambiental, entre 2014 e 2015 (FARIA e FARIA, 2016), realizado entre 2014 e 2015, levou a um resultado que foi reconhecido pela equipe multidisciplinar envolvida neste trabalho, como elucidador e direcionador das soluções do problema ambiental avaliado. É importante enfatizar que, à princípio, os pesquisadores já sabiam que os impactos socioambientais da ampliação de uma área de mineração de pedra brita em um bairro com características rurais gerariam aumento do ruído das explosões e maior risco de rachaduras nas estruturas das casas mais próximas, além da maior demanda por água e o desmatamento de uma área de mata nativa que teria que ser recompensada, como o replantio de mata nativa em outra área. A surpresa foi que, com os depoimentos recolhidos em entrevistas temáticas, a forma de solucionar esses impactos ganhou maior precisão: as explosões são realmente causa de reclamações, além das rachaduras nos imóveis e poeira que muito incomodava os moradores locais; o que os pesquisadores não sabiam, no entanto, era em que parte da área afetada eram sentidos os efeitos, e em que intensidade. A aplicação da técnica de entrevista temática, contribuiu para a elaboração de um mapa com graduações de maior e menor intensidades destes impactos ambientais, o que também levou a proposição de soluções muito mais precisas a respeito dos problemas detectados. Isso se deve ao entendimento da situação em sua complexidade, já que partiu da percepção de quem a vivência. As soluções encontradas foram: a produção de uma cortina de vegetação amenizando o impacto da poluição sonora e da poeira, e visitas periódicas nos locais onde havia maior intensidade de rachaduras nos imóveis, que provavelmente tem sua causa relacionada à atividade de mineração, com o compromisso de realização de reparos nos mesmos imóveis.

Destaca-se que, por vezes, as pesquisas com representações sociais não trazem esses apontamentos para solução dos problemas. Elas apenas apresentam uma evocação que seria um alerta para a gravidade do problema ou para sua abrangência (VERGES, P. 1999, apud SOUZA e CAMARGO, 2002). Todavia, sendo o material recolhido portador de complexa reflexão de comunidades ou moradores próximos aos problemas que se quer estudar foi possível no caso acima que o grupo de pesquisadores e consultores elaborassem as soluções mais precisas como as descritas acima. Assim também ocorre nos estudos abaixo relatados:

A- Estudando por meio das representações sociais, a fruticultura no Sul de Minas Gerais ocorrida em um período que vai de 1920 a 1976, foi possível destacar com precisão as razões locais e internacionais da ascensão e queda dessa atividade econômica, mas também identificar precisamente o processo de aquecimento global modificando as escolhas da atividade econômica bem como relacionar precisamente a diminuição dos fluxos de água na Serra da Mantiqueira, com as modificações nas opções econômicas dos moradores do município de Delfim Moreira. (FARIA, I 2004)

B- Estudando os impactos socioambientais da monocultura de batata no município de Maria da Fé, em Minas Gerais, foi possível identificar com precisão as causas locais e nacionais da ascensão e da queda dessa atividade econômica, bem como foi possível identificar uma gama de problemas ambientais tradicionalmente ligadas à monocultura nesse processo de ascensão e queda, e por fim delinear algumas opções de atividade econômicas que iniciaram seu desenvolvimento calcadas na ideia de reconstrução e preservação ambiental. (FARIA, 2004).

C- Por meio das metodologias ligadas à percepção ambiental urbana, análise de dados secundários, conjugadas com o estudo das representações sociais por meio de entrevistas temáticas, em um estudo sobre o ato de andar a pé no contexto da mobilidade urbana, foi possível inferir que, existem preocupações adjacentes àquelas normalmente detectadas em estudos de caminhabilidade e andabilidade, tais como: a influência da preocupação com as questões da segurança – o receio quanto aos atropelamentos, às quedas e também relativos a segurança pessoal, sentida por outros tipos de violência que não haviam sido observados no cotidiano urbano em Curitiba-PR (FARIA, H.2016).

D- Rodrigues et al (2012) analisam o uso da metodologia percepção ambiental como forma de aproximação dos resultados da gestão ambiental, no Distrito de Paranapiacaba e Parque Andreense, no Município de Santo André-SP. Esses autores enfatizam que a inclusão de análises de percepção é importante para se entender um determinado lugar. A metodologia de percepção ambiental utilizada ocorreu por meio de um questionário semiestruturado e contemplou aspectos qualitativos e quantitativos também. Os Resultados obtidos indicam que a análise da percepção ambiental é um instrumento que serve como indicador da efetividade da gestão adotada e, nesse sentido, auxilia no ajuste de objetivos e práticas de gestão. Também mostra que há uma aproximação das comunidades, quando se aplica essa metodologia, e isto garante uma gestão mais democrática. Na aplicação específica para o Distrito de Paranapiacaba e Parque Andreense, foi possível perceber que a falta de informação e comunicação social influenciam negativamente a percepção das comunidades sobre as políticas, planos e sistemas de gestão públicos adotados. O uso de análise da percepção pode ajudar os próprios gestores ambientais no aperfeiçoamento de suas ações.

E- Outra aplicação que indica a efetividade da utilização de métodos qualitativos, nesse caso o da percepção ambiental, é apresentado por Dorigo e Lamano-Ferreira (2015). Esses autores realizaram uma revisão bibliográfica para as aplicações de estudos de percepção ambiental a respeito de áreas verdes públicas no Brasil, como Praças e Parques. Avaliaram artigos publicados em periódicos nacionais, entre 2009 e 2013. Na análise desses periódicos reconheceram aspectos positivos e negativos das áreas verdes a partir da visão dos frequentadores. Entre os aspectos positivos destacaram: prática de atividade física, lazer, promoção da educação e conscientização ambiental. Entre os aspectos negativos indicaram a preocupação com a questão da segurança, que na avaliação dos autores pode estar relacionada à menor frequência de uso destes espaços

públicos. Sobre a utilização do método de percepção ambiental sugerem que tal iniciativa pode ser melhor explorada, visto que é importante se conhecer a visão de diferentes atores sociais sobre o uso das áreas verdes, no sentido de promover um maior envolvimento das pessoas com o uso desse espaço. Salientam que essa é uma importante ferramenta para os gestores. O uso de metodologias de percepção também pode levar a mudanças de atitude, com relação à conservação ambiental, uma vez que além de se questionar sobre o assunto, levam também a reflexão sobre o tema.

F- Marcomin e Sato (2016) realizaram um estudo sobre a percepção de pescadores tradicionais sobre elementos da paisagem natural e antrópica, com os quais estes convivem, na região litorânea de Laguna-SCA. Aplicando Metodologia qualitativa, de maneira integrada às análises discursiva/qualitativa; buscaram captar a percepção sobre a paisagem em suas dimensões de conflito e estética. As narrativas foram gravadas e transcritas respeitando o jeito de ser de cada indivíduo, inclusive sua linguagem. Consideraram para a interpretação da percepção ambiental dos pescadores artesanais, a presença das dimensões econômica, social e ambiental, ainda que lembram que outras podem estar presentes (imersas na paisagem). Como resultados obtiveram que os pescadores veem a natureza como o lugar em que se vive. O conceito de paisagem para os pescadores é similar ao conceito de natureza e ambiente ou meio ambiente. A “paisagem percebida é reflexo, inclusive, do modo humano de concebê-la e atuar sobre ela.” (MARCOMIN e SATO, 2016, p. 165). Com o uso da metodologia para Marcomin e Sato (2016) foi possível detectar diferenças na percepção de grupos distintos de pescadores e que, tal diferença está relacionada à intimidade com o lugar. Esses autores destacam também que o uso da metodologia traz saberes da comunidade à luz, além do entendimento de uma série de nuances das relações sociais estabelecidas na comunidade. Esse aspecto remete ao que aponta Leff (2012), sobre a conexão de saberes. Além disso, o estudo sobre os pescadores tradicionais em Laguna, revela sentimentos e subjetividades, importantes na compreensão de aspectos sociais relacionados à paisagem. Os autores destacam também que o uso da metodologia da percepção ambiental pode favorecer o desenvolvimento de uma educação ambiental mais efetiva e comprometida com a mudança de valores, atitudes e construção de saberes para formação de cidadãos.

## CONCLUSÕES:

Partindo-se de teorias que advêm de tradições filosóficas e científicas distintas, a Teoria das Representações Sociais e o campo de estudo da Percepção ambiental, entende-se que o que há em comum entre estes campos do conhecimento – a intensão de captar a complexidade, a diversidade, por meio de metodologias e procedimentos metodológicos de cunho quantitativo – tem trazido experiências bem sucedidas em análises ambientais.



Sendo assim, a reflexão realizada nesse artigo lança luz sobre um questionamento frequente dos que lidam com a problemática ambiental demonstrando que o espaço contém o social e é contido por ele:

Consideramos o espaço como uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica. Isso significa que, como instância, ele contém e é contido pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por elas contidos. A economia está no espaço, assim como o espaço está na economia. O mesmo se dá com o político-institucional e com o cultural-ideológico. Isso quer dizer que a essência do espaço é social. Nesse caso, o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga a uma fração da sociedade atual. (SANTOS, M. 2008, p.12)

Ou seja, quando se revela a voz dos sujeitos sociais por meio das representações sociais podemos perceber claramente esse estar contido dentro do problema vivenciado; e esse conter o espaço ou saber em detalhes todos os mecanismos de solução para o problema, mesmo que vivenciando as relações de poder que impedem essas soluções que seriam óbvias para quem está vivenciando o problema.

Enfim, como Milton Santos em seu conhecido livro Espaço e Método questiona que: “Uma das fontes mais frequentes de dúvida entre os estudiosos do problema parece ser o próprio conceito de espaço (...) o que caracteriza, particularmente, a abordagem da sociedade através da categoria espaço? Como na teoria e na prática levar em conta os ingredientes sociais e Naturais, que compõem o espaço para descrevê-lo defini-lo e interpretá-lo e afinal reencontrar o espacial?“(SANTOS, M. 2008, p.11), pretendeu-se oferecer um caminho para solução dessas dúvidas frequentes de quem lida com a problemática ambiental que é sempre espacial.

De outro lado, das bases nos estudos da geografia humanista e do amplo campo que os estudos da percepção do ambiente, por meio da riqueza de visões e detalhes a respeito do espaço habitado e vivido, também se obtém um entendimento de que a experiência no espaço, no ambiente é componente estruturante para o desenvolvimento de uma sociedade. Para além de uma análise puramente econômica ou ecológica, como apontado por Oliveira (2017), a percepção ambiental traz razões estéticas e morais para conservar as paisagens geográficas e históricas, convergindo para as motivações no sentido de se reconhecer uma afetividade positiva ao planeta e ao ambiente.

Para concluir, das discussões das Ciências Sociais por um lado, e do campo do conhecimento da percepção ambiental, por outro, chega-se à verificação sobre a riqueza das metodologias qualitativas para as abordagens relativas à questão ambiental. Este fato corrobora com que aponta Leff (2012) ao afirmar que a questão ambiental permite que tradições distintas do conhecimento dialoguem e tenham conclusões convergentes. Para além do conhecimento científico, o conhecimento ou o saber popular também é captado nas narrativas dos sujeitos

avaliados por meio destas correntes distintas, a da Teoria das Representações Sociais e o campo da Percepção Ambiental, que contem, no entanto procedimentos metodológicos semelhantes, ora denominados qualitativos.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRÁRICAS.

ARRUDA, Angela. As representações Sociais: desafios de pesquisa. In: **Revisa de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, v1, n1, 2002. p.09-23.

DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Livia de. **Percepção Ambiental a Experiência Brasileira**. São Carlos-SP: Studio Nobel/ Editora da UFSCar, 1996...p.

Del Rio, Vicente. Cidade da Mente, Cidade Real- percepção ambiental e revitalização na área portuária do Rio de Janeiro . In: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Livia de. **Percepção Ambiental a Experiência Brasileira**. São Carlos-SP: Studio Nobel/ Editora da UFSCar, 1996. ...p

MOSCOVICI, S. Prefácio e Introdução. In: Guareschi, P. A. e Jovchelovitch, S.(Orgs.) **Psicologia Social: Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994. ...p

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de Representações Sociais dentro da sociologia Clássica. In: GUARESHI, P. A. e JOVCHELOVITCH, S.(Orgs.) **Psicologia Social: Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 89 a 113.

VERGES, P. Ensemble de programmes permettant l'analyse des evocations. Aix em Provence: Manuel d'utilisateur, 1999, 18p. apud SOUZA, Rosa Cristina Ferreira, e CAMARGO, Brígido Vizeu. In: **Revisa de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, v1, n1, 2002. p 35-43.

LEFF, Enrique. **Aventuras da Epistemologia Ambiental: da articulação das ciencias ao diálogo dos saberes**. Cortez: São Paulo, 2012.

LUKÁCS, George. **Introdução a uma Estética Marxista: sobre a Particularidade como Categoria da Estética**. 2ed., tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.1970. 249 p.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov In BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**. Obras escolhidas. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, vol. 1, p. 197 a 221.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1976. 274p

BERMAN, Marshal. **Tudo o que é solido se desmancha no ar** : a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras: 1987. 360 p

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, 322p

MARX, karl . *Introdction a la Critique de L'Economie politique*. In: MARX, Karl. Contribution a la Critique de L'Economie Politique. Paris, Editions Sociales, 1969.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. Série 2/Textos. v.7. Biblioteca Básica de Ciências Sociais. São Paulo: T.A Queiroz Editor Ltda, 1991. 172p.

KENECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Inter Saberes, 2014. 200p.

MARKOVA, Ivana. A Fabricação da Teoria das Representações Sociais. Tradução de Beatriz Gama Rodrigues e João Kaio Barros. In: **Cadernos de Pesquisa**. v.47, n 163, P 358- 375, jan./mar. 2017.

VILLAS BOAS, Lucia. História e Memória e Representações Sociais: por uma abordagem crítica e Interdisciplinar. In: **Cadernos de Pesquis**. , v45 , p.244-258, abr./jun. 2015.

POLLAK, Michael. Memória e Esquecimento. In: ESTUDOS HISTORICOS, vol.2, n3, p. Rio de Janeiro, FGV, l. Rio De Janeiro, 1992.

- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História**: Operários, Mulheres, Prisioneiros. São Paulo, Paz e Terra. 336 p
- FARIA, Helena. Mendonça. Andar a pé em Curitiba: Mobilidade Urbana, sustentabilidade e percepção social. Relatório de Estágio Pós-Doutoral. Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente (PPG-MADE). Universidade Federal do Paraná (UFPR), Março de 2016.
- FARIA, Helena Mendonça e Faria, Izabel Mendonça. Estudo da Percepção Ambiental no âmbito do Licenciamento para um empreendimento de mineração. Garcia Monaco Consultoria Ambiental, 2016.
- FARIA, I. M.. Efervescência e decadência de atividade agrícolas: a questão ambiental como causa da decadência e como saída para a retomada do desenvolvimento. II Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS), Indaiatuba-SP, 2004.
- FARIA, I. M.. Vozes e Imagens do Rio São Francisco: uma discussão sobre populações tradicionais e problemas ambientais. VI Congresso da Associação Latino Americana de Sociologia Rural (ALASRU), Porto Alegre- RS, 2002.
- FARIA, I. M.. Trabalho Artesanal: nas redes do tempo. VI Congresso da Associação Latino Americana de Sociologia Rural (ALASRU), Porto Alegre- RS, 2002.
- FARIA, I. M.; SILVA, M. A. M. ; MANCUSO, M. I. R. ; VALENCIO, N. F. L. S. . **Vozes e Imagens do Rio São Francisco**: um estudo sobre populações tradicionais e problemas ambientais. In: BRUMER, Anita. PIÑEIRO, Diego (Org.). Agricultura latino-americana: Novos Arranjos e velhas questões. 1ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005, Capítulo 13, p. 259-286.
- FARIA, I. M.. Trajetórias sociais e reconstrução de identidades: dois estudos de caso. V Reunião de Antropologia do Mercosul: **Antropologia em Perspectiva**, Florianópolis-SC, 2003.
- RODRIGUES, Mariana Lima; MALHEIROS, Tadeu Fabrício e FERNANDES, Valdir. A Percepção Ambiental Como Instrumento de Apoio na Gestão e na Formulação de Políticas Públicas Ambientais. **Saúde Sociedade**. São Paulo, v.21, suplemento 1.3, p.96-110, 2012.
- SOUZA, Dilmara V. de e ZIONI, Fabiola. Novas Perspectivas de Análise em Investigações sobre o Meio Ambiente: a Teoria das Representações Sociais e a Técnica qualitativa da Triangulação de Dados. **Saúde e Sociedade**. São Paulo. v.12, n.2, p.76-85, jul-dez 2003.
- DORIGO, T.A., LAMANO-FERREIRA, A.P.N. Contribuições da Percepção Ambiental de Freqüentadores Sobre Praças e Parques no Brasil (2009-2013): **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade-GeAS**., LOCAL DA Ed v. 4, n. 3, p. 31-45. 2015
- MARCOMIN, Fátima Elizabeti e SATO, Michèle . Percepção, paisagem e Educação Ambiental: uma Investigação na Região Metropolitana de Lacuna- SC, Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte |v.32|n.02|p. 159-186|Abril-Junho 2016.
- NOVAES, Adauto. Intelectuais em tempos de incerteza. In: NOVAES, Adauto.(org.) **O Silêncio dos intelectuais**. São Paulo, Companhia das Letras, 2006: **O Silêncio dos intelectuais**. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, p. 7-18.
- CHAUÍ, Marilena. Intelectual engajado: uma figura em extinção? In: NOVAES, Adauto.(org.) **O Silêncio dos intelectuais**. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, p.19 a 43.
- MUBLMANN, Géraldine. Marx, o jornalismo, o espaço público In: NOVAES, Adauto.(org.) **O Silêncio dos intelectuais**. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, p. 117 a136.
- OLIVEIRA, Livia de. MARANDOLA Jr. Eduardo e CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Percepção do Meio Ambiente e Geografia**. Cultura Acadêmica: São Paulo, 2017.